“Como a Justiça Eleitoral pode contribuir para formar uma cabeça bem-feita”



Arquivo pessoal

Maria Aglaé Tedesco Vilardo

Juíza de Direito. Doutora em bioética, ética aplicada e saúde pública em associação da UERJ, UFF, UFRJ e FIOCRUZ. Professora da EMERJ

O Brasil é conhecido como o país do futuro. O futuro chegou e continua-se a acreditar que um dia, no futuro, o Brasil será melhor. Isso não acontecerá sem aprimorar a educação de nossas crianças, adolescentes e jovens. Aliás, a educação continuada deveria ser oferecida até o fim da vida, para todos.

Muito se discute sobre o que se aprende nas escolas e universidades. Reformas do currículo básico e se o ensino prático deve prevalecer sobre o teórico, dinâmicas de aprendizagem e diversidade de atividades para atrair o interesse. Temos que refletir sobre o que contribui, realmente, para melhorar a formação da juventude.

A resposta não é simples, porém cada vez mais se percebe a importância do conhecimento global, em um mundo de especializações, no qual se perde o

todo em razão das partes, o que inviabiliza a compreensão do todo e da complexidade dos problemas.

Edgar Morin, em seu livro A Cabeça Bem-feita, apresenta os desafios da globalidade, da complexidade e da expansão desmedida do saber. O conhecimento se perde em meio a tanta informação e o saber se perde em meio ao conhecimento, como disse o escritor T. S. Eliot, mencionado por Morin. Estes desafios levam ao problema da organização do saber através dos desafios cultural, sociológico, cívico e, o maior deles, a reforma do pensamento. A inteligência responderá aos desafios desde que o paradigma para organizar o conhecimento seja modificado. Morin defende que "A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino".

O autor se vale do pensador, político e filósofo Montaigne para afirmar que "mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia". Valoriza, no lugar do acúmulo de saber, a aptidão para colocar e tratar os problemas, além dos princípios organizadores que dão sentido aos saberes. Para tal, é importante estimular o emprego da inteligência, através do amplo uso da curiosidade livre para que a criança ou o jovem possam questionar os problemas fundamentais de sua sociedade e do mundo. Ao lado da curiosidade deve ser estimulada a dúvida como forma de questionar o próprio pensamento e a própria dúvida.

Em um mundo de especialistas há o enfraquecimento do senso de responsabilidade e de solidariedade afrouxando os laços entre os cidadãos e fazendo com que percam o direito ao conhecimento global. Desta forma, "Quanto mais técnica torna-se a política, mais regride a competência democrática." Eis o desafio cívico: construir uma democracia do conhecimento.

A cabeça bem-feita deve ser apta a organizar conhecimentos para que o pensamento compreenda o todo e as partes examinando todas as dimensões do problema. Nesta percepção reconhecerá a realidade solidária e conflituosa, própria à democracia, e respeitará a diferença não obstante reconheça a unicidade.

O ensino deve exercer o papel de unir as diversas ciências em prol da condição humana, por isso Morin propõe atuação nos diversos graus de ensino em inter-poli-transdisciplinaridade, em um projeto comum, cooperativo e de policompetência.

Nesse sentido, é possível à Justiça Eleitoral expandir seus limites para colaboração nesta tarefa e levar cidadania às escolas.

Para as crianças mais novas, despertar a consciência através da curiosidade natural de toda criança e discutir o que é ser humano, o que representa a vida e o papel de cada ser dentro do mundo em que vive tanto no microcosmo quanto no macrocosmo. Debater a criação da vida e seu propósito, as mudanças e conquistas a partir do conhecimento da linguagem, como cada indivíduo pode interferir em sua realidade e na dos demais cidadãos. Teria início a ligação entre a condição humana e o mundo, principiando a consciência que enfrentará complexidades cada vez maiores. No aspecto interno, utilizando a autocrítica e estimulando a estrutura do modo de pensar. No aspecto externo, trabalhar com o conhecimento das mídias aproveitando a intensa participação das crianças junto aos programas televisivos, jogos digitais, propagandas e até o jornalismo que não exerce qualquer atrativo para elas. Discutir problemas éticos que surgem em cada representação midiática, os problemas de sua rua e sala de aula. Propor ideias para integração dos membros de sua comunidade, para solução dos problemas mais comuns e criação de um sistema de divulgação de notícias de forma agradável e imparcial para discussão dos problemas mais próximos.

Para os jovens do ensino médio caberia relacionar a cultura humanística com a científica, em diálogo com a literatura, a música, a história local, o mundo e o avanço biotecnológico. Uma discussão

ética sobre os problemas mais comuns da comunidade em que vivem. Debates com argumentos consistentes em sentidos opostos sobre temas relevantes à sociedade como o aborto, o uso de armas e a segurança, a saúde pública, as manifestações públicas, a participação eleitoral. Os jovens podem buscar informações na internet, usando seus próprios celulares ou equipamentos da escola, para conhecer e analisar projetos de leis em andamento e sugerir leis a serem criadas.

Os debates podem ser enriquecidos sobre o valor da participação de cada um no exercício do voto. Afastar os mitos que circulam em torno do tema política e apresentar a condição de se exigir direitos e exercer sua cidadania apontando caminhos reais e a necessidade de criação de grupos que trabalhem, solidariamente, por um mesmo ideal.

O trabalho seria enriquecido com a participação de professores de disciplinas como história, para situar os jovens na dinâmica da criação de sua comunidade e cidade, as dificuldades ao longo do tempo e as soluções engendradas e como os fatos do passado influenciam na situação presente. O professor de matemática poderia contribuir com discussões de conteúdo matemático-financeiro para que os jovens percebam a importância deste conhecimento na distribuição de bens e serviços para a sociedade de forma equânime. As disciplinas de sociologia e filosofia colaboram na análise do conteúdo midiático que tanto interessa aos jovens. O debate seria em torno dos estereótipos, dos sentimentos que afloram nesta idade e da canalização da energia para projetos que possam dar resultados positivos para todos. Conversar sobre uso de drogas, violência, sexualidade, amor, traição e solidão aproveitando histórias reais publicadas em jornais e de historias fantasiosas ou não apresentadas em novelas e seriados assistidos por eles.

As discussões podem ser organizadas por temas e por grupos com um ou mais monitores que trarão diversos temas a serem abordados para que cada grupo possa escolher de acordo com sua disposição em pesquisar, compreender e debater algum tema específico mais técnico ou mais prático, de maior ou menor divergência. A escolha deve ser sempre dos jovens mediante motivação do monitor. Ao final, cada grupo escolhe um representante para apresentar a discussão e seus argumentos e a conclusão do grupo, abrindo-se para os demais expressarem opinião e sugestão. O trabalho fica mais interessante mediante a confecção de cartazes ou apresentação com programas de computação ou mesmo criação musical, poética ou teatral.

Tivemos oportunidade de realizar esta atividade em três escolas do Estado do Rio de Janeiro. Ficou demonstrado que o projeto agrada aos participantes e as discussões atinge alto nível de debates diante dos inúmeros acontecimentos que são trazidos pelos jornais diariamente e que os jovens tomam conhecimento pela internet. Por isso foi relevante o incentivo ao uso de celulares ou computadores para as pesquisas, tudo antecipadamente preparado e com oferta de opções de sites de pesquisa, sem prejuízo de os alunos buscarem outros por sua conta, surpreendendo com gráficos e estatísticas. O ponto culminante das apresentações se deu quando um dos membros de cada grupo manifestou a opinião da maioria, típico da democracia, respeitando as opiniões divergentes. A participação de todos foi fundamental e dinâmica, com apresentação de figuras históricas importantes como agentes modificadores na sociedade, mas não mencionados nos livros didáticos, e que passaram a ser conhecidos pelos alunos, como a pessoa que dá nome à escola, por vezes desconhecida.

São inserções e ligações desta natureza que podem resultar em uma "cabeça bem-feita", com consciência de ser humano para construir uma democracia do conhecimento com participação política e cidadã. ■